

A ESCRITA FEMININA DO PÓS-GUERRA NO 'GRUPO 47': ILSE AICHINGER E INGEBORG BACHMANN

Gabriela Gomes de Oliveira¹

Resumo: A literatura de língua alemã, produzida a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, encontra-se estritamente ligada aos acontecimentos sociais da época. Refletir acerca da produção intelectual do pós-guerra é também um trabalho de análise da história e, nesse contexto, associações como o Grupo 47 são de extrema relevância. É objetivo deste artigo apresentar alguns caminhos que levaram ao surgimento do grupo e apontar algumas de suas contribuições para a literatura. Propõe-se igualmente a investigar a produção literária de duas escritoras austríacas que fizeram parte do Grupo 47: Ilse Aichinger e seu romance *Die größere Hoffnung* (*A Esperança Maior*) e Ingeborg Bachmann e o conto *Jugend in einer österreichischen Stadt* (*Juventude em uma cidade austríaca*). Compreender como aspectos da história do nacional-socialismo se fazem presentes nas obras das duas autoras a partir de perspectivas distintas, mas que por vezes se interligam, parece contribuir para os estudos que se ocupam das temáticas da guerra e da memória.

Palavras-chave: Grupo 47; Ilse Aichinger; Ingeborg Bachmann; Memória.

Introdução

A escritora alemã Christa Wolf inicia seu romance *Kindheitsmuster* (*Modelos de infância* – livre tradução) da seguinte maneira: “O passado não está morto; nem sequer é passado. Nós o afastamos de nós e o tornamos estranho”² (WOLF, 2007, p. 1, tradução nossa). O passado do nacional-socialismo é assim encarado por muitos daqueles e daquelas que sobreviveram a ele. Como um acontecimento ainda latente na memória, ele parece estar predestinado a não ser esquecido – principalmente por indivíduos que o encararam de frente ainda na tenra idade. Conforme Lorenz, aqueles anos da Segunda Guerra Mundial “[...] se tornaram corpos estranhos na vida de muitas pessoas que eram crianças na época. Suas memórias são segredos

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade de Colônia, Alemanha, e bolsista DAAD (Deutscher Akademischer Austausch Dienst). Mestra em Literaturas Modernas e Contemporâneas pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gabrielagomes.deoliveira@outlook.com

² No original em alemão: „Das Vergangene ist nicht tot; es ist nicht einmal vergangen. Wir trennen es von uns ab und stellen uns fremd. As demais citações também foram traduzidas do alemão”.

tão intransponíveis que muitas das crianças de guerra naquele período até mesmo as afastaram de si”³ (2003, p. 17, tradução nossa). As atrocidades ocorridas durante o regime nazista na Alemanha deixaram marcas, talvez irreversíveis, na memória de seus sobreviventes. Apesar de todos os percalços e das dificuldades impostas com o fim de guerra, como a destruição causada por ela e todas as existências perdidas durante o Terceiro Reich, a vida parece querer continuar.

A rememoração constante dos acontecimentos recentes do passado alemão (e aqui inclui-se também o austríaco) teria sido deixada de lado para que uma nova sociedade surgisse em meio aos escombros. Portanto, para se prosseguir com o presente e planejar o futuro fazia-se necessário ‘apagar’ o passado. O escritor alemão W. G. Sebald pontua que “quando olhamos para o passado, em particular para os anos de 1930 até 1950, trata-se sempre de um olhar e desviar de olhos simultâneos.” (2011, p. 8). O passado não deixa de existir pelo simples fato de não confrontá-lo, mas uma nova realidade precisava ser construída. Sebald ainda afirma criticamente que

[a]ssim, tanto pelo trabalho exigido como pela criação de uma nova realidade despida de fisionomia própria, ela impediu de antemão qualquer recordação do passado, direcionando a população, sem exceção, para o futuro e obrigando-a ao silêncio sobre aquilo que enfrentara (SEBALD, 2011, p. 17).

Como vimos, a temática da época poderia ser resumida da seguinte forma: esquecer para sobreviver. Além de Sebald, outros estudiosos também refletem sobre essa fase da história social da Alemanha:

Trivializar, suavizar, esquecer conscientemente e reprimir foram o lema nos anos do pós-guerra. É assim que o antigo professor de psicologia clínica e gerontologista de Kassel Hartmut Radebold, nascido em 1935 e, portanto, ele próprio uma criança de guerra, atesta sua geração. Como alguém poderia ter sobrevivido se, entretanto, tivesse se entregado inteiramente ao desespero e à dor? A única maneira de se proteger era não deixar que o horror chegasse até você e simplesmente funcionar (LORENZ, 2003, p. 19, tradução nossa)⁴.

As novas gerações que permaneceram durante aquele período encontravam-se perdidas, objetivando apenas a continuação de uma vida com as mínimas condições

³ No original: [...] „sind in den Leben vieler Menschen, die damals Kinder waren, Fremdkörper geworden. Die Erinnerungen an sie sind Geheimnisse, die so unaussprechbar sind, dass viele der damaligen Kriegskinder sie sogar vor sich selbst weggeschlossen haben“.

⁴ No original: “Bagatellisieren, abschwächen, bewusst vergessen und verdrängen, lautete die Devise in den Nachkriegsjahren. So attestiert es der ehemalige Kasseler Professor für klinische Psychologie und Altersforscher Hartmut Radebold, Jahrgang 1935 und somit selbst ein Kriegskind, seiner Generation. Wie hätte man überleben sollen, wenn man sich ganz und gar Verzweiflung und Kummer hingegen hätte? Da blieb als Selbstschutz nur, das Grauen nicht an sich herankommen zu lassen und einfach zu funktionieren.“

humanas. Além do silêncio sobre o que há pouco ocorrera, havia também um sentimento de culpa dos filhos para com os pais:

Pois o horror do qual estas crianças e jovens se desviaram era de fato inconcebível. Cinquenta e cinco milhões de vidas foram perdidas nesta grande guerra que destruiu a Europa. A geração de seus pais e avós havia planejado e realizado isso. Assim como o assassinato dos judeus europeus. Ninguém quis falar sobre isso depois de 1945. O destino das crianças de guerra foi inevitavelmente obscurecido pela extensão da culpa alemã. O silêncio tomou seu início (LORENZ, 2003, p. 20, tradução nossa)⁵.

O silêncio mencionado por Hilke Lorenz parece surgir como uma espécie de condição social na tentativa de reerguer países, como Alemanha e Áustria. Apesar das interferências políticas do eixo vencedor, a questão da culpa e do silêncio ainda reverberam em grande parte daquelas sociedades. Nesse contexto, a exigência de uma nova existência social, por parte das populações afetadas pela devastação da guerra, acarretou o surgimento de diversos grupos intelectuais que propuseram novos olhares sobre aquela realidade. A literatura surge nesse cenário como possibilidade de expressão dos acontecimentos históricos recentes, visando dar vazão a incontáveis textos que refletiam o pensamento e também às angústias dos escritores e escritoras da época. Embora parte da sociedade tivesse optado pelo silêncio, a literatura chega nesse momento para dar voz ao passado. Primo Levi, por exemplo, foi o primeiro sobrevivente de Auschwitz a publicar um livro sobre suas experiências. O relato intitulado *Se isto é um homem*, publicado originalmente em 1947, figura entre as principais obras da chamada Literatura do Holocausto. Depois dele, inúmeros escritores e escritoras – testemunhas diretas ou indiretas do extermínio praticado pelos nazistas – propuseram reflexões literárias (autobiográficas ou ficcionais) a este respeito. Da mesma forma, muitos foram aqueles e aquelas que escreveram sobre o outro lado da história, isto é, sobre personagens de origem alemã que não foram vítimas diretas ou perseguidas do nacional-socialismo, mas que, ainda assim, carregam as marcas daquele tempo.

Nesse contexto sócio-literário do pós-guerra, surge o Grupo 47, sobre o qual falaremos a seguir.

1 Grupo 47, história e memória

O Grupo 47, nome dado em virtude de seu ano de fundação (1947), foi uma associação de jovens autores que surgiu na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, sendo considerado por muitos o grupo literário mais influente do pós-guerra.

⁵ No original: „Denn das Grauen, von dem sich diese Kinder und Jugendlichen abwandten, war in der Tat unfassbar. Fünfundfünfzig Millionen Menschenleben hat dieser große, Europa zerstörende Krieg gekostet. Die Generation ihrer Eltern und Großeltern hatte ihn geplant und durchgeführt. Ebenso wie die Ermordung der europäischen Juden. Darüber wollte nach 1945 keiner gerne reden. Das Schicksal der Kriegskinder wurde zwangsläufig erst einmal vom Ausmaß der deutschen Schuld überschattet. Das Schweigen nahm seinen Anfang.“

O fato de seu surgimento ocorrer apenas dois anos depois do fim do regime nacional-socialista aponta para uma vontade intrínseca de muitos escritores e intelectuais, que vivenciaram os horrores da guerra, de promover o recomeço dos debates sobre literatura “na esperança de que através da palavra conseguiriam dar uma nova forma social e política à Alemanha devastada, mudando uma sociedade moralmente abalada” (SCHMITT, 2012, p. 15). Nos primeiros anos subsequentes à guerra, a literatura alemã era denominada *Trümmerliteratur*, isto é, literatura de escombros – à qual também pertenciam os autores do grupo. A *Trümmerliteratur* descrevia não apenas as casas e as cidades em ruínas, como também transportava para suas produções a falta de esperança do indivíduo também em ruínas, a guerra, a morte e a tentativa de sobrevivência por entre os escombros. Observa-se que havia um certo “consenso antifascista”⁶ (BRAESE, 2007, p. 116, tradução nossa) comum a todos os participantes do grupo, uma vez que a maioria dessa nova geração de escritores, que surgia após a queda do regime nazista, era constituída por ex-soldados ou prisioneiros de guerra – dentre eles Heinrich Böll, Günter Grass, Günter Eich, Walter Jens, etc.

O idealizador do Grupo 47 foi, sobretudo, o autor Hans Werner Richter que organizou, em 1947, a primeira reunião do grupo literário na casa da escritora Ilse Schneider-Lengyel em Bannwaldsee, na Baviera. Descrito como uma coletividade heterogênea de escritores que não possuíam uma forma fixa de organização e nenhum programa literário pré-determinado, o Grupo 47 realizava, a cada ano, uma ou duas reuniões nas quais novos trabalhos eram apresentados e posteriormente debatidos pelos membros. Nesses encontros, um aspecto significativo de suas produções textuais emergia: a linguagem. Devido à manipulação propagandística do vocabulário por parte do regime nazista, o Grupo 47 procurou mudar a maneira de se expressar, recorrendo a uma linguagem compreensível e factual a fim de neutralizar sua manipulação. “Conforme Hans Werner Richter, [...] a linguagem escravista do III Reich deveria ser devastada, para dar espaço a uma nova linguagem, simples e realista” (SCHMITT, 2012, p. 15). Os escritores pretendiam utilizar uma forma de expressão não corrompida pelos nazistas, ou seja, “uma literatura que não desviasse os olhos dos leitores da destruição causada pelo regime hitlerista, mas que a tornasse visível, sem embelezamentos, para que se reavivasse as experiências da guerra” (SCHMITT, 2012, p. 17).

Em meados dos anos 1960, o Grupo 47 tornou-se objeto de um debate político-cultural que, em última análise, também levou à sua dissolução. O pequeno grupo composto por poucos escritores teria sido capaz de influenciar a comercialização dos textos por ele selecionados de forma significativa. Ao longo dos anos, foi estabelecida uma espécie de mercado literário, o que ajudou novos escritores a alcançar sucesso comercial e de mídia e a cooperar com as editoras. “Esta posição de poder provocou críticas fundamentais tanto interna quanto externamente,

⁶ No original: „antifaschistischer Konsens“.

especialmente porque a estrutura fixa do grupo não permitia nenhum processo de modernização” (LITERATURKRITIK, 2017). Durante os protestos que deflagaram a revolução estudantil de 1968, o Grupo 47 foi confrontado com reivindicações críticas. A demanda por opinião política cresceu fortemente na época, o que levou a discordâncias e disputas sobre a relação entre política e literatura dentro do grupo.

Em 1967, vinte anos após o seu surgimento, realizou-se sua última reunião pública. Apesar de sua enorme relevância, algumas vozes críticas soaram após a dissolução do Grupo 47. Enfatizou-se que, embora os autores do grupo estivessem preocupados com a guerra e os eventos do pós-guerra, o extermínio da população judaica pelo regime nacional-socialista praticamente não desempenhava nenhum papel nas obras literárias. Arnold (2004, p. 11) aponta que a própria conduta de alguns autores durante a existência do Terceiro *Reich* também “não fora autorrefletida ou questionada criticamente”. Embora os eventos nazistas tenham feito parte do conteúdo da literatura do pós-guerra, isso parece não ter sido o resultado do processamento das próprias experiências pois, à medida em que os autores do Grupo 47 chegaram a um acordo com o passado – o próprio e o da Alemanha – este, segundo os críticos, não fora examinado criticamente como se deveria.

Klaus Briegleb, em seu livro *Mißachtung und Tabu: eine Streitschrift zur Frage: „Wie antisemitisch war die Gruppe 47?“,* cuja tradução livre seria “Desconsideração e tabu: uma polêmica sobre a questão: ‘Quão anti-semita era o Grupo 47?’”, também critica a maneira como os autores do Grupo 47 lidaram com a perseguição e a aniquilação da população judaica na literatura. Segundo ele, o grupo não aproveitou a oportunidade ocasionada por sua forte presença nos meios literários e midiáticos para “lidar conscientemente com a dor sobre as ‘conseqüências do genocídio’ para judeus e alemães tomando consciência de suas diferenças”⁷ (BRIEGLEB, 2003, p. 77, tradução nossa). Ao contrário, Briegleb afirma que os autores cultivaram seu “[...] grande tabu: o medo de um verdadeiro encontro com os judeus e o judaísmo depois do Shoah”⁸ (BRIEGLEB, 2003, p. 12, tradução nossa), mesmo que escritores judeus tenham feito parte do grupo. Ainda de acordo com ele, a literatura produzida pelo Grupo 47 poderia ser descrita como “literatura sem memória”⁹ (BRIEGLEB, 2003, p. 21, tradução nossa). Outro aspecto fortemente criticado por Briegleb (2003, p. 165) é a falta de uma participação expressiva de mulheres dentro do grupo, uma vez que ele considera a voz feminina como a voz da verdade.

Uma passagem bastante significativa descrita pelo estudioso é o primeiro encontro de Hans Werner Richter, fundador do Grupo 47, com Ingeborg Bachmann e Ilse Aichinger. Nessa ocasião, Richter convida as escritoras para um encontro na pequena cidade de Niendorf, em maio de 1952, com a intenção de conseguir convencê-las a participarem do grupo, como que para compensar, com o auxílio

⁷ No original: „jene Trauer um die ‚Folgen des Genozids‘ für Juden und Deutsche differenzbewusst zu bearbeiten“.

⁸ No original: „[...] großes Tabu gepflegt [haben]: die Angst vor einer wirklichen Begegnung mit Juden und Judentum nach der Shoah“.

⁹ No original: „Literatur ohne Gedenken“.

do olhar feminino, a dureza da escrita sobre a guerra. De acordo com Briegleb (2003, p. 167), não se trata de uma questão sobre tematizar histórias de uma mulher judia, mas sim de melhorar a imagem do grupo. É importante ressaltar que os atributos femininos de Ilse Schneider-Lengyel, que já era membro do grupo, não os ajudaram a melhorar sua imagem externa, já que Schneider-Lengyel aparecia frequentemente com roupas masculinas. Sendo assim, era necessário adicionar ao Grupo 47 um caráter mais acolhedor e feminino, visando a uma melhor aceitação por parte do público. A partir dessas considerações, que podem (e devem) ser lidas criticamente, torna-se relevante investigar a relação das escritoras Ingeborg Bachmann e Ilse Aichinger com o cenário literário do pós-guerra e com o Grupo 47. Também se torna interessante analisar os acontecimentos históricos do período pós-guerra que se fazem presentes em suas publicações literárias. Por fim, como o passado, através da história, se revela a partir do olhar literário dessas autoras?

2 Ilse Aichinger: Die größere Hoffnung (A Esperança Maior)

A escritora Ilse Aichinger nasceu em Viena, em 1921, e possuía uma irmã gêmea – Helga. Ela era filha de uma médica judia e de um professor. Após a invasão de Hitler na Áustria, em março de 1938, a mãe judia perdeu seu consultório, seu apartamento e sua posição como médica. A irmã de Ilse pôde emigrar para a Inglaterra em 1939, porém, o início da guerra impediu a partida planejada do resto da família. Sua avó e os irmãos de sua mãe foram deportados e assassinados em 1942. Ilse Aichinger permaneceu em Viena durante toda a guerra e, após o seu fim, começou a estudar medicina – curso que ela interrompeu pouco tempo depois para escrever seu romance *Die größere Hoffnung (A Esperança Maior)*. Por muitos anos, trabalhou na redação da editora Fischer, em Viena, e casou-se com Günter Eich em 1953, com quem teve dois filhos. Em 1952, recebeu o Prêmio Grupo 47, em 1979, o Prêmio Georg Trakl, em 1982, o Prêmio Petrarca e, em 1983, o Prêmio Franz Kafka.

O romance *Die größere Hoffnung (A Esperança Maior)*, ainda sem tradução para o português brasileiro, fora publicado pela primeira vez, em 1948, e é considerado uma das primeiras reelaborações literárias da era nazista. Ele nos apresenta a história da pequena Ellen, uma garota ‘semi-judia’ que anseia conseguir um visto para os Estados Unidos da América e, deste modo, se reencontrar com a mãe judia que lá vive – sendo esta sua ‘grande esperança’. A perseguição aos judeus, no período da Segunda Guerra Mundial, é uma referência bastante significativa no romance. No decorrer dos dez capítulos da obra, a vida de Ellen e de seus amigos é apresentada de maneira detalhada, em que seus sentimentos e o sofrimento dos personagens são refletidos por seus atos. Ao solicitar o visto, a protagonista é surpreendida pela resposta negativa do cônsul, que afirma não poder lhe conceder o documento.

A questão do pertencimento e o olhar infantil sobre a história são aspectos importantes a serem ressaltados, embora outros tantos também sejam relevantes.

As terríveis condições enfrentadas por crianças de ascendência judaica é um fato bastante notório ao longo do romance. Essas crianças judias, na maioria das vezes, lutavam para sobreviver por conta própria – e tudo isso em meio à ocupação nazista em Viena. Nesse momento, a história se entrelaça à literatura e nos mostra um vislumbre da realidade vivida à época, mas descrita por meios literários. Os pesadelos e as pequenas histórias imaginativas da protagonista não se distanciam muito da realidade do período: “Crianças com casacos compridos e mochilas muito pequenas, crianças que tiveram que fugir. Nenhuma delas tinha permissão para ficar e nenhum deles tinha permissão para sair”¹⁰ (AICHINGER, 1991, p. 5). Segundo Raul Hilberg (1990, p. 56), o processo de extermínio dos judeus fora dividido em diversas etapas. Primeiramente foi definido o termo “judeu”; depois entraram em vigor medidas de expropriação; logo após veio a concentração de judeus em guetos; finalmente, foi tomada a decisão de aniquilar os judeus europeus. Várias unidades móveis de matança haviam sido enviadas para a Rússia, enquanto no resto da Europa as vítimas foram deportadas para campos de extermínio.

Em certo momento, Ellen deseja ser aceita na comunidade de crianças que, assim como ela, encontram-se desamparadas frente aos perigos da Guerra. Ela possui apenas “dois avós do tipo errado” – ou seja, dois avós que pertencem à tradição judaica –, enquanto outras crianças da herança judaica têm “quatro avós do tipo errado” – isto é, quatro avós judeus. Por causa disso, ninguém quer brincar com elas, mas Ellen não vê problema nisso e deseja pertencer ao grupo. Um grupo privado de liberdade, de crianças que não têm mais permissão de se sentar no banco de um parque público, que não podem mais andar no carrossel e frequentar escolas públicas. O “processo de guetização”, conforme Hilberg (1990, p. 173-184), visava separar alemães e judeus completamente pelo maior tempo possível. Dentre as medidas tomadas pelo *Reich* Alemão contra o povo judeu, já no início da guerra, incluíam-se, dentre outras coisas, a proibição do uso dos vagões de dormitório e de jantar em todas as linhas ferroviárias da Alemanha – em 1942 foi proibida, permanentemente, a entrada de judeus em quaisquer veículos de transporte –, além disso, eles foram banidos de *spas* e estabelecimentos balneários. Pacientes de hospitais judeus eram entregues a instituições judaicas, cabeleireiros ‘arianos’ não podiam mais atender clientes judeus. Proprietários de imóveis recebiam autorização para despejar seus inquilinos judeus e, em setembro de 1939, as delegacias de polícia locais impuseram a proibição de judeus saírem depois das 20 horas. Ainda segundo o estudo de Hilberg (1990, p. 180), o Chefe de Imprensa do *Reich* instruiu os jornais para justificar essa medida, dizendo que os judeus haviam aproveitado o apagão noturno para assediar as mulheres arianas. Entretanto, a maneira como as crianças do romance de Ilse Aichinger narram acontecimentos tão drásticos é notoriamente infantil, ingênua. No trecho abaixo,

¹⁰ No original: „Kinder mit langen Mänteln und ganz kleinen Rucksäcken, Kinder, die fliehen mussten. Keines von ihnen hatte die Erlaubnis zu bleiben und keines von ihnen hatte die Erlaubnis zu gehen“.

a protagonista interpreta uma cena de teatro com seus amigos, imaginando um cenário onde não há mais restrições:

‘E o prefeito diz: Bom, muito bom! A partir de amanhã, você poderá sentar-se novamente em todas as bancadas. Seus avós são esquecidos.’ ‘Muito obrigado, Sr. Prefeito!’ ‘De nada, de nada. Cumprimentem seus avós!’ ‘Você disse isso muito bem. Se você quiser, pode brincar de prefeito a partir de agora’.¹¹ (AICHINGER, 1991, p. 27, tradução nossa).

Essas crianças, que Ellen reconhece como amigas, são obrigadas a usar uma Estrela de Davi amarela costurada em seus casacos e jaquetas. A protagonista, porém, as inveja por isso. Ela também quer uma estrela assim, como um sinal de que ela pertence ao grupo:

Ela tirou seu casaco do gancho da porta. [...] Ela rasgou a estrela de seu vestido e suas mãos tremeram. [...] Ela não deixou que isso a impedisse, nem sua avó e nem a polícia secreta. Rapidamente, com pontos grandes e desajeitados, ela coseu-a no lado esquerdo do casaco¹² (AICHINGER, 1991, p. 88, tradução nossa).

Nesse momento, o anseio por pertencimento de Ellen e sua ingenuidade se fundem no romance. As crianças não sabem o que essa estrela representa, assim como Ellen não compreende o fato de não ter permissão para usá-la. Retornando, mais uma vez, ao viés histórico do romance, nota-se a presença de um símbolo marcante da opressão sofrida pelos judeus. Um decreto nazista adotado, a partir de 1º de setembro de 1941, previa que todos os judeus com mais de seis anos de idade tivessem que usar uma Estrela Judaica em público. Esta estrela deveria ser do tamanho da palma da mão, a palavra ‘judeu’ seria escrita em letras pretas em um fundo amarelo e ela deveria ser fixada no lado esquerdo da roupa. Conforme Hilberg (1990, p. 188-189), o portador da Estrela Judaica era exposto; ele constantemente tinha a sensação de ser encarado de todos os lados, como se a população tivesse se transformado em forças de segurança que os vigiavam e os observavam. Sob tais circunstâncias e restrições nenhum judeu poderia resistir, esconder-se ou, até mesmo, decidir fugir.

Apesar de toda a tensão e do enorme conflito histórico que dizimou milhares de pessoas, o olhar infantil sobre esses acontecimentos é algo muito presente no romance de Aichinger. Uma das crianças, entretanto, compartilha com o grupo de amigos o que outra pessoa lhe disse, mas que ninguém quer ouvir: “A Bibi disse:

¹¹ No original: „Und der Bürgermeister sagt: Brav, sehr brav! Von morgen ab dürft ihr wieder auf allen Bänken sitzen. Eure Großeltern sind euch vergessen. Vielen Dank, Herr Bürgermeister!’ ,Bitte sehr, gern geschehen. Schönen Gruß an die Großeltern!’ ,Das hast du gut gesagt. Wenn du willst, darfst du von heute ab den Bürgermeister spielen“.

¹² No original: “Sie nahm den Mantel vom Haken an der Tür. [...] Sie riss den Stern vom Kleid, ihre Hände zitterten. [...] Sie ließ sich das nicht verbieten, nicht von ihrer Großmutter und nicht von der geheimen Polizei. Rasch, mit großen, ungeschickten Stichen nähte sie ihn an die linke Mantelseite“.

a estrela significa a morte”¹³ (AICHINGER, 1991, p. 96, tradução nossa). A estrela, que para muitas vítimas do nacional-socialismo simboliza o início de sua caminhada para a própria morte, se torna para Ellen algo que a vincula intimamente ao grupo de amigos. Mais uma vez, o caminho do pertencimento e o da ingenuidade se cruzam no texto. Embora seus amigos a invejassem pelo fato de ela não ser obrigada a carregar tal fardo – “Você será poupada da vergonha” (AICHINGER, 1991, p. 154, tradução nossa) – a estrela em seu casaco parece lhe dar forças. Mesmo ao final do romance, o símbolo da estrela retorna de forma positiva. Ellen vê uma *Morgenstern* (Estrela da Manhã) no horizonte e associa essa visão ao surgimento de uma nova esperança para ela e para as crianças: “’Georg, a ponte se foi!’ ‘Vamos construí-la de novo!’ ‘Como devemos chamá-la?’ ‘A esperança maior, nossa esperança!’ ‘Georg, Georg, eu vejo a estrela!’”¹⁴ (AICHINGER, 1991, p. 237, tradução nossa). Pode-se dizer, finalmente, que a ingenuidade infantil apresentada no romance destoa dos acontecimentos históricos da época. Por um lado, temos as figuras das crianças judias que são vítimas de todo o ódio nazista. Seu olhar sobre os fatos que as acometem são, de certo modo, muito puros. Elas se mantêm distantes dos adultos, não confiam neles. Por outro lado, temos o mundo maldoso e terrível da realidade adulta. Um mundo rodeado de morte e abandono. O mundo olhado através da perspectiva das crianças nos apresenta certa esperança de um futuro melhor, o que alivia um pouco a lembrança dolorosa da trajetória humana em tempos de guerra.

3 Ingeborg Bachmann: *Jugend in einer österreichischen Stadt* (*Juventude em uma cidade austríaca*)

A escritora Ingeborg Bachmann nasceu na Áustria em 1926 e, assim como Ilse Aichinger, figura entre um dos grandes nomes da literatura austríaca. Um fato interessante sobre sua família é que uma filial do campo de concentração de Mauthausen se localizava a apenas dois quilômetros do local de sua residência, o que significa que eles estiveram secundariamente ligados à população do campo. Por um tempo, Ingeborg Bachmann mantivera um caso de amor com o poeta Paul Celan e era uma amiga íntima de Ilse Aichinger. Em 1952 ela apresenta, pela primeira vez, uma de suas produções literárias em um encontro do Grupo 47, o que ocasionou sua inserção no mesmo. Em 1961, Bachmann publica uma coletânea de contos intitulada *Das dreißigste Jahr* (*Trinta anos* – traduzida para o português por Leonor de Sá), que foi recebida inicialmente de forma crítica, o que também se reflete em sua mudança da poesia lírica para a prosa acompanhada da ruptura com a narrativa realista, como era típico entre os autores do Grupo 47. Esse ciclo de histórias tematiza a guerra e o nacional-socialismo por meio da “linguagem

¹³ No original: „Bibi hat gesagt: Der Stern bedeutet den Tod!“.

¹⁴ No original: „‘Georg, die Brücke steht nicht mehr!’ ,Wir bauen sie neu!’ ,Wie soll sie heißen?’ ,Die größere Hoffnung, unsere Hoffnung!’ ,Georg, Georg, ich sehe den Stern!’“.

lírica”, assim como também a travessia por sobre as fronteiras terrestres ao final da guerra. O assunto predominante, por vezes utópico, são os movimentos de partida e seus trágicos fracassos.

No geral, a publicação foi recebida de forma muito negativa pelos críticos. Segundo Lennox (2007, p. 155), os críticos do gênero masculino ainda não estavam preparados para concordar e para responder à incursão de Bachmann em um gênero dominado por homens, isto é, a prosa. Somente o movimento feminino a partir de 1971, levou a um repensar das críticas com relação à avaliação das obras de Bachmann, incluindo a coletânea de contos. Há, inclusive, elogios pelo fato de o volume narrativo tratar da relação entre os sexos e a busca da nova autoimagem da mulher. Desde a década de 1980, Bachmann tem recebido mais elogios do que críticas e se tornou uma figura de destaque da literatura feminista. O que foi criticado como desatualizado na época de sua primeira publicação estava, em retrospectiva, à frente de seu tempo.

A coletânea *Das dreißigste Jahr (Trinta anos)* apresenta técnicas de escrita literária muito próprias, de modo que se tornaram, de certa maneira, características dos textos em prosa da autora. Segundo Gehle (1998, p. 188), Bachmann retorna, repetidamente, a metáforas de aniquilação e morte em que ela tenta romper com a equação de vitimização dos perpetradores. Em seus contos, ademais, é possível notar a presença de metáforas que permeiam as temáticas do amor, da guerra e da doença. Embora a autora ‘quebre’, de certa forma, as alusões históricas ao fazer uso de metáforas para abordar os temas supramencionados, ela não deixa de fora os aspectos históricos que serviram como base de sua coletânea e instiga o leitor a refletir sobre esses assuntos. O período do pós Segunda Guerra Mundial, embora historicamente não surja como foco central de sua narrativa, ainda desponta como objeto significativo de seus textos. Sobre isso, Gehle (1998, p. 192) pontua que Bachmann levanta a questão da possibilidade de diálogo entre judeus e alemães, mas, ao final de um de seus contos, refuta este cenário e se posiciona de maneira cética a ele.

Outra reflexão presente na coletânea é um certo problema de comunicação, expressão e representação mútua fortemente presente no período do pós-guerra. Para a autora, há uma falta de possibilidade de compreensão humana após Auschwitz. Os horrores da Guerra ainda são latentes e doloridos, de modo que ocasionam nos sobreviventes uma espécie de mandamento do silêncio. Após serem confrontados com a linguagem da factualidade, a única coisa que resta a eles é permanecer em silêncio e partir. Esta reflexão nos transporta para o conto a ser analisado neste artigo: *Jugend in einer österreichischen Stadt (Juventude em uma cidade austríaca)*.

O conto descreve o regresso à cidade “K” (Klagenfurt na Áustria) de uma figura que nos é apresentada sem maiores detalhes acerca de sua personalidade. Sabemos que a personagem, quando criança, experienciou a maneira como a Áustria se tornou parte da Alemanha nazista. Durante um passeio pela cidade, a

infância e a juventude vividas naquele local são trazidas de volta à vida através de *flashbacks*. Estas são principalmente memórias cênicas, que se relacionam com os respectivos lugares na cidade à medida em que o indivíduo que caminha se depara com eles. Os sentimentos da infância também ganham destaque, mas são descritos e esclarecidos com o olhar da pessoa adulta de hoje que rememora o passado triste do contexto da Segunda Guerra Mundial. A primeira infância tem como característica principal a calma. Não se podia brincar livremente e as crianças deveriam ser muito silenciosas durante as aulas na escola. O cotidiano escolar é apresentado como uma sequência de tarefas e intervenções paradoxais. O silêncio surge como uma questão recorrente em todo o conto. “À mesa, as crianças se sentam em silêncio [...], enquanto o rádio faz barulho e a voz do jornalista percorre a cozinha como um trovão e depois desaparece, onde a tampa da panela, assustadoramente, é levantada por causa do estouro das batatas”¹⁵ (BACHMANN, 2003, p. 89, tradução nossa).

As tarefas do dia a dia se misturam aos acontecimentos de guerra e o personagem busca na memória traços que o fazem retornar àquela época perdida. Entretanto, ao contrário do que ocorria aos judeus e a outros povos perseguidos, as famílias austríacas, assim como as alemãs, podiam se manter minimamente seguras dos ataques inimigos e não seriam deportadas ou assassinadas nos campos de concentração. A rememoração do sujeito transporta-o novamente para o ser infantil que havia sido durante os bombardeios, onde a pobreza e a desesperança também reinavam:

Para o bem e para o mal: sem esperança. As crianças não têm futuro. Elas temem o mundo inteiro. Elas não obtêm uma imagem do mundo, mas apenas de seus altos e baixos [...]. Elas saltam com uma perna só para o inferno e saltam com as duas pernas para o céu (BACHMANN, 2003, p. 86, tradução nossa)¹⁶.

No momento do aprendizado dos cálculos matemáticos e da escrita, as cabeças dos alunos são quase que ‘escaneadas’ pela professora à procura de piolhos. O relógio da igreja da cidade parou. As crianças devem aprender de cor os Dez Mandamentos bíblicos. Elas aprendem francês: “Madeleine est une petite fille. Elle est à la fenêtre. Elle regarde la rue” (BACHMANN, 2003, p. 88). ‘Madeleine é uma menininha. E ela está na janela. Ela está observando a estrada.’ Somente quando o alarme antiaéreo dispara, as crianças têm permissão para ir ao Bunker e deixar os seus cadernos sobre as mesas da classe. Bachmann parece querer evocar os momentos cotidianos em que a tentativa de levar uma vida comum são evidentes,

¹⁵ No original: „Bei Tisch sitzen die Kinder still da [...] während es im Radio gewittert und die Stimme des Nachrichtensprechers wie ein Kugelblitz in der Küche herumfährt und verendet, wo der Kochdeckel sich erschrocken über den zerplatzten Kartoffeln hebt“.

¹⁶ No original: „Im Guten, im Bösen: hoffnungslos. Die Kinder haben keine Zukunft. Sie fürchten sich vor der ganzen Welt. Sie machen sich kein Bild von ihr, nur von den Hüben und Drüben, denn es läßt sich mit Kreidestrichen begrenzen. Sie hüpfen auf einem Bein in die Hölle und springen mit beiden Beinen in den Himmel“.

possivelmente como forma de escapar ao abatimento causado pela situação difícil em que se encontram. Conforme W. G. Sebald, “a capacidade do ser humano de esquecer o que não quer saber, de não fazer caso daquilo que está diante de seus olhos, poucas vezes foi posta à prova de forma tão rigorosa como na Alemanha [...]” (SEBALD, 2011, p. 43-44). Talvez seja possível estender esse comentário também à Áustria. No momento em que o personagem recorre às lembranças dos tempos de escola, observa-se que, mesmo em meio ao caos e às idas constantes ao Bunker, o cotidiano escolar prossegue.

Mais adiante, as crianças se mudam para um assentamento. O protagonista anônimo descreve como elas tiveram que se alimentar de maçãs podres, pois não havia mais nenhum outro alimento disponível. Essas crianças são cada vez mais confrontadas com os fenômenos cotidianos das batalhas, mesmo que uma certa “áurea de normalidade” esteja presente. Na deflagração da guerra, o personagem se recorda das tropas invasoras: “Fileiras de pessoas marcham nas ruas. As bandeiras voando acima de suas cabeças ...’até que tudo caia em pedaços’, assim eles cantam lá fora”¹⁷ (BACHMANN, 2003, p. 89, tradução nossa). A partir de sua perspectiva infantil elas esperam que os aviões inimigos sejam abatidos e que a pátria vença a batalha. As crianças, definitivamente, não são mais ingênuas, elas não ouvem mais a chamada escolar “Crianças!”, mas podem “distinguir ruídos de motor no céu, falar sobre temporizadores e bombas de chumbo” e brincar de “deixe os ladrões marcharem”¹⁸ (BACHMANN, 2003, p. 91, tradução nossa). Elas morrem:

O tempo das insinuações acabou. As pessoas falam abertamente sobre serem baleadas no pescoço, sobre serem enforcadas, liquidadas, explodidas, e do que não ouvem nem veem, cheiram como os mortos de St. Ruprecht, que não podem ser desenterrados porque o cinema caiu sobre eles¹⁹ (BACHMANN, 2003, p. 91, tradução nossa).

Com o fim da guerra, as crianças austríacas podem sair ao ar livre e voltar à vida. Ao final do conto, o personagem faz uma tentativa de encontrar respostas para as muitas perguntas que o cercam, pois o passado é algo ainda inacabado que sempre retorna. Ele procura na memória traços de uma infância que já se foi, mas que, envolvida pela sombra da guerra, parece ter deixado cicatrizes irreversíveis naqueles que vivenciaram tempos tão sombrios. Ao se afastar do grupo das vítimas do regime nazista, o personagem surge inquieto. Gehle (1998, p. 187) afirma que os perpetradores e seus descendentes são irrevogáveis e incuráveis

¹⁷ No original: „Auf den Straßen ziehen Kolonnen von Marschierenden. Die Fahnen schlagen über den Köpfen zusammen ...bis alles in Scherben fällt’, so wird gesungen draußen“.

¹⁸ No original: „Motorengeräusche am Himmel unterscheiden“, „unterhalten sich über Zeitzündler und Tellerbomben“ und spielen „Laßt die Räuber durchmarschieren“.

¹⁹ No original: „Die Zeit der Andeutungen ist zu Ende. Man spricht vor ihnen von Genickschüssen, vom Hängen, Liquidieren, Sprengen, und was sie nicht hören und sehen, riechen sie, wie sie die Toten von St. Ruprecht riechen, die man nicht ausgraben kann, weil das Kino darübergerfallen ist“.

após as destruições provocadas pela guerra, sendo perturbados com as recordações daquele período até o fim de sua vida.

Sem respostas, o personagem deixa novamente a cidade – que se transforma tanto em palco da tragédia ocorrida quanto em imagem de uma juventude perdida que permanece. Para Töller (1998, p. 33), durante o processo de rememorar, no qual se encontra o personagem, destaca-se o fracasso da infância e da adolescência causado pelo nacional-socialismo. O tempo da infância e da juventude nunca fora concretizado pelas crianças, uma vez que lhes fora tomado pela incursão da guerra. Deste modo, elas também não podem dizer adeus ao passado. Ingeborg Bachmann, de acordo com Gehle (1998, p. 183-184), possuía um conhecimento preciso da destruição causada durante a era nazista, mas não fez dela um tema central de suas histórias. Embora seja notório que a autora tematize a realidade da época a partir da busca pela memória de um indivíduo que a experienciou *in loco*, o foco de sua narrativa não se encontra explicitamente na *Shoah*. Bachmann recorre a uma condensação simbólica ou alegórica de experiências, de certo modo afastando-se de sentimentalidades ao narrar as barbáries da época. Antes, procura descrever os fatos de maneira precisa, descrito por Gehle (1998, p. 184-185) como o “Aqui e o Agora”.

Considerações

Escrever sobre a literatura produzida após o final da Segunda Guerra Mundial é uma tarefa que permeia não apenas conceitos literários em si, mas que passa de forma definitiva pela história. O Grupo 47, como vimos, surgiu como tentativa de restabelecer uma ligação há tempos perdida entre as palavras, a memória, entre a literatura e os acontecimentos históricos que nos cercam. Mesmo não tendo sido levado adiante até os dias atuais, o papel que o grupo desempenhou durante os anos de sua existência é um fato importante a se destacar – obviamente sem fechar os olhos para suas inúmeras controversas, sendo ele passível de críticas. Por meio dele, tornou-se possível adentrar a escrita e as reflexões sobre as duas autoras austríacas que figuram neste artigo. As faces femininas do Grupo 47, se assim desejarmos, nos apresentam produções distintas e, ao mesmo tempo, semelhantes entre si. O olhar da criança e do jovem que vive a guerra é de extrema relevância nos textos aqui brevemente apresentados.

O conto *Jugend in einer österreichischen Stadt* (*Juventude em uma cidade austríaca*) de Ingeborg Bachmann relata a tentativa de um personagem de retornar ao passado e tentar compreendê-lo. Personagem este que conheceu a guerra ainda muito jovem. As crianças do conto não são privilegiadas, mas também não pertencem à uma família composta por vítimas do nacional-socialismo. A autora não deixa claro a origem familiar desses pequenos, mas alguns elementos da narrativa (como a ida à escola e a precariedade em que vivem, por exemplo) nos permitem supor que se tratam de grupos familiares pobres nos quais essas crianças estão

incluídas. Elas não são perseguidas, ao contrário, talvez até acreditem na propaganda hitlerista. Depois de 1938 e da anexação da Áustria, agora parte do Reich alemão, houve um movimento nazista muito forte no país com a fundação de partidos políticos e a imposição de uma ditadura. Visto desta forma, as crianças do conto de Bachmann poderiam ser consideradas produto de uma socialização, não sendo rotuladas necessariamente como más. Elas são filhas e filhos de pais que, muitas vezes, aderem ao regime nazista e são educadas em meio a essa estrutura social.

O romance *Die größere Hoffnung* (*A Esperança Maior*) de Ilse Aichinger, por sua vez, nos apresenta crianças judias que foram vítimas diretas do regime de Hitler. O “ser judeu” também desempenha um papel importante. Com base em vários exemplos de discriminação sob a perspectiva da protagonista Ellen e de seu grupo, torna possível ao leitor compreender a visão de mundo dessas crianças. O olhar infantil de Ellen não a permite entender em que ela se difere de seus amigos. Por que ela tem permissão para ficar enquanto eles são deportados? Fatos terríveis da história do nacional-socialismo na Áustria, assim como é o caso de várias outras localidades, não são narrados como relatos de memória de um indivíduo como em Bachmann. Aqui, a memória coletiva parece representada por crianças sem nome, que vivem juntas à espera do fim da guerra. Ao contrário da subjetividade representada pela tentativa de resgatar o passado através da memória de apenas um sujeito, Aichinger parte das histórias coletivas, mesmo tendo Ellen como ponto de ligação, para refletir acerca não apenas das condições das crianças judias da época, como também sobre toda sorte de vítimas que, como elas, esperavam por dias melhores.

DAS WEIBLICHE SCHREIBEN DER NACHKRIEGSZEIT IN DER, GRUPPE 47’: ILSE AICHINGER UND INGEBORG BACHMANN

Zusammenfassung: Die deutschsprachige Literatur, die nach dem Ende des Zweiten Weltkriegs entstand, ist eng mit den gesellschaftlichen Ereignissen dieser Zeit verbunden. Die Betrachtung der intellektuellen Produktion der Nachkriegszeit ist zugleich eine Analyse der Geschichte, und in diesem Zusammenhang sind die Vereinigungen wie die Gruppe 47 von großer Bedeutung. Ziel dieses Aufsatzes ist es, einige der Wege aufzuzeigen, die zur Entstehung der Gruppe geführt haben, und auf einige ihrer Beiträge zur Literatur hinzuweisen. Außerdem soll die literarische Produktion zweier österreichischer Schriftstellerinnen untersucht werden, die der Gruppe 47 angehörten: Ilse Aichinger und ihr Roman *Die größere Hoffnung* sowie Ingeborg Bachmann und die Erzählung *Jugend in einer österreichischen Stadt*. Zu verstehen, wie Aspekte der Geschichte des Nationalsozialismus in den Werken der beiden Autoren aus unterschiedlichen, aber manchmal miteinander verknüpften Perspektiven präsent sind, scheint ein Beitrag zu Studien zu sein, die sich mit den Themen Krieg und Erinnerung beschäftigen.

Schlüsselwörter: Gruppe 47. Ilse Aichinger. Ingeborg Bachmann. Erinnerung.

Referências

- AICHINGER, Ilse. *Die größere Hoffnung*. Frankfurt am Main: Ed. Fischer Taschenbuch, 1991.
- ARNOLD, Heinz Ludwig. *Die Gruppe 47*. Hamburg: Ed. Rowohlt, 2004.
- BACHMANN, Ingeborg. *Sämtliche Erzählungen*. Munique: Ed. Piper Taschenbuch, 2003.
- BRAESE, Stephan. Gruppe 47. In: FISCHER, Torben; LORENZ, Matthias N. (Orgs.). *Lexikon der „Vergangenheitsbewältigung“ in Deutschland: Debatten- und Diskursgeschichte des Nationalsozialismus nach 1945*. Bielefeld: Ed. Transcript, 2007. p. 116-119.
- BRIEGLEB, Klaus. *Mißachtung und Tabu: eine Streitschrift zur Frage: „Wie antisemitisch war die Gruppe 47?“* Berlin: Ed. Philo, 2003.
- GEHLE, Holger. Auschwitz in der Prosa Ingeborg Bachmanns. In: BRAESE, Stephan et al. (Orgs.). *Deutsche Nachkriegsliteratur und der Holocaust*. Frankfurt: Ed. Campus, 1998. p. 183-196.
- HILBERG, Raul. *Die Vernichtung der europäischen Juden*. Berlin: Ed. Fischer, 1990.
- INGEBORG, Bachmann. *Sämtliche Erzählungen*. Munique: Ed. Piper, 2003.
- LENNOX, Sarah. The Politics of Reading. A Half Century of Bachmann Reception. In: SAUL, Nicholas; SCHMIDT, Ricarda (Orgs.). *Literarische Wertung und Kanonbildung*. Würzburg: Ed. Königshausen u. Neumann, 2007. p. 151-162.
- LUNDIUS, Wiebke. Weibliche Stimmen in der Erfolgsphase der Gruppe 47. *Literaturkritik*, 11 nov 2017. Disponível em: <<https://literaturkritik.de/wiebke-lundius-ueber-die-frauen-in-der-gruppe-47,23869.html>>. Acesso em: 06/01/2022.
- LORENZ, Hilke. *Kriegskinder: Das Schicksal einer Generation*. Munique: Ed. List, 2003.
- SCHMITT, Elise. *Literatura alemã pós-guerra: o Grupo 47 e a representação social em Heinrich Böll e Günter Eich*. 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Parana, Cascavel, 2012.
- SEBALD, W. G. *Guerra aérea e literatura: com ensaio sobre Alfred Andersch*. Tradução de Carlos Abbenseth e Frederico Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TÖLLER, Ursula. *Erinnern und Erzählen*. Studie zu Ingeborg Bachmanns Erzählband „Das dreißigste Jahr“. Berlin: Ed. S + W Steuer- und Wirtschaftsverlag, 1998.

WOLF, Christa, Hilke. *Kindheitsmuster*. Berlin: Ed. Suhrkamp, 2012.